

FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL: INTERAÇÕES NOS MOMENTOS DE BRINCADEIRAS. Camila Tanure Duarte; Maévi Anabel Nono (UNESP/IBILCE). Eixo 1: Formação inicial e continuada de professores para a Educação Básica. FAPESP

Introdução

Neste pôster, apresenta-se pesquisa em andamento, com término previsto para dezembro de 2011, desenvolvida em nível de Iniciação Científica, que tem como objetivo geral investigar formas pelas quais crianças e adultos de uma escola de Educação Infantil interagem nos momentos de brincadeiras. Ao investigar as interações que ocorrem na escola, pretende-se focalizar, entre outros aspectos, aqueles relativos à formação da professora para interagir com as crianças de 3 anos de idade e para propiciar a interação entre elas nos momentos de brincadeiras.

De acordo com Barbosa (2006, p. 15), “No Brasil, a partir da década de 1970, a educação de crianças de 0 a 6 anos adquiriu um novo estatuto no campo das políticas e das teorias educacionais”. Em termos da legislação brasileira, a Constituição Federal de 1988 reconhece o dever do Estado e o direito da criança a ser atendida em creches e pré-escolas e vincula esse atendimento à área educacional. Nota-se, na Constituição, a inclusão da creche no capítulo da Educação, sendo ressaltado seu caráter educativo, em detrimento do caráter assistencialista que até então a caracterizava.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96) regulamenta a Educação Infantil, definindo-a como primeira etapa da Educação Básica e indicando como sua finalidade o desenvolvimento integral da criança de zero a seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social. Ainda no que se refere à legislação, são instituídas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Resolução CNE/CEB nº 1, de 07/04/1999) a serem observadas na elaboração das propostas pedagógicas das escolas de Educação Infantil. Em vigor até 2009, tais Diretrizes são revogadas pela Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009. De acordo com tal Resolução,

Art. 4º As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas **interações, relações e práticas cotidianas que vivencia**, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (grifo nosso)

Vale destacar, neste contexto de mudanças que envolve a Educação Infantil, a divulgação pelo Ministério da Educação do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998). Trata-se de um documento orientador do trabalho a ser desenvolvido nas creches e pré-escolas. Neste documento, destaca-se a importância das interações entre as crianças e com os adultos para o desenvolvimento infantil. Cabe ao professor, de acordo com o proposto no RCNEI, propiciar às crianças situações nas quais possam interagir entre si, expressando sentimentos e pensamentos, vivenciando conflitos, negociando soluções.

Outros documentos vêm sendo publicados pelo MEC nos últimos anos para subsidiar as discussões sobre as escolas que recebem as crianças pequenas. Entre eles, pode-se destacar os “Parâmetros nacionais de qualidade para a Educação Infantil” (BRASIL, 2006) e a “Política nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos pela educação” (BRASIL, 2006a). Em todos os documentos, há uma preocupação de que o espaço da Educação Infantil seja um espaço para interação das crianças com seus pares e com os adultos com quem convivem.

Pesquisas desenvolvidas por Kramer (2009) buscaram conhecer e compreender interações e práticas de crianças e adultos em instituições de Educação Infantil do município do Rio de Janeiro. Revelando um contexto bastante complexo e, por vezes, contraditório, tais pesquisas apontam a necessidade de que se ampliem estudos que focalizem o cotidiano de creches e pré-escolas, desvelando as relações que ocorrem nestes ambientes onde adultos e crianças interagem e constroem sua identidade. Conforme afirma Oliveira (2007, p. 135-137),

Desde cedo as crianças se envolvem em interações que podem ser entendidas como trocas de mensagens. [...] A construção de significações, a gênese do pensamento e a constituição de si mesmo como sujeito se fazem graças às interações constituídas com outros parceiros em práticas sociais concretas de um ambiente que reúne circunstâncias, artefatos, práticas sociais e significações. [...] Sendo ação partilhada, a interação é influenciada por características de ambos os parceiros.

Nas interações com as crianças, o professor se coloca como parceiro fundamental em seus processos de desenvolvimento. Para Oliveira (2007, p. 203), “Ao responder à criança, ampliando, redefinindo e esclarecendo seus comentários, confusões e ações, o professor alimenta o pensamento infantil, propondo-lhe questões que a ajudem a consolidar as idéias que já possui e a construir hipóteses”. Interagir com as crianças nas creches significa estimulá-

las a construir novas significações e a relacionar o que estão aprendendo na creche com experiências que vivenciam fora dela; observar as crianças, apoiá-las, questioná-las, responder às suas perguntas, acalmá-las, motivá-las, ajudá-las a construir seus conhecimentos e sua identidade; significa compartilhar com elas aprendizagens, sentimentos, formas de conhecer o mundo e a si mesmas; significa rever constantemente sua atuação profissional a partir das informações fornecidas pelas crianças que, na interação crianças-adulto, também interferem na constituição da identidade do professor de Educação Infantil. Significa, ainda, “Promover a capacidade da criança para relacionar-se desde cedo com parceiros diversos, particularmente com outras crianças” (OLIVEIRA, 2007, p. 209).

Devendo participar inclusive da elaboração da proposta pedagógica da escola de Educação Infantil em que atua, o professor desta etapa da Educação Básica deve possuir uma formação que inclua o exame dos conhecimentos e valores que possui acerca da criança e da função da creche e da pré-escola e que garanta a apropriação de um conhecimento técnico e o desenvolvimento de habilidades para interagir com crianças pequenas, auxiliando-as a interagir com outras crianças (OLIVEIRA, 2007) e com o mundo do qual faz parte e ajuda a construir.

Fortuna (2003/2004) destaca o papel do educador durante o brincar das crianças pequenas nas creches e pré-escolas. Para ela, é fundamental que o educador observe as crianças durante as brincadeiras e que intervenha no brincar, “[...] não para apartar brigas ou para decidir quem fica com o quê, ou quem começa ou quando termina, e sim para estimular a atividade mental, social e psicomotora dos alunos com questionamentos e sugestões de encaminhamentos” (p. 9).

Barbosa (2009) desenvolveu uma pesquisa em que procurou estudar as interações estabelecidas entre crianças e adultos no cotidiano de uma escola pública de Educação Infantil. Para isso, levou em conta o ponto de vista das crianças, o que faziam e diziam, entendendo a importância da brincadeira tanto para a criança conhecer o mundo quanto para reconhecer-se nele. A partir dos resultados obtidos por meio dessa pesquisa, Barbosa (2009, p. 122) concluiu:

Por meio da brincadeira, a criança se conhece e conhece o mundo à sua volta. Na brincadeira, ela entra no mundo imaginário ao mesmo tempo que lida com as regras regidas pela cultura. E, ainda por meio da brincadeira, administra seu tempo presente, criando regras de convivência e interação com seus pares. Segundo Sarmento (2004), a ludicidade constitui um traço

fundamental das culturas infantis. Embora brincar não seja exclusivo das crianças, concordo com ele no que diz respeito à sua afirmação de que as crianças brincam, “contínua e abnegadamente”. A criança não faz essa separação que percebemos nos adultos entre coisas sérias e esse brincar, entre um trabalho sério, regido pelo professor, e um brincar que é simplesmente da criança.

Diante deste contexto em que a Educação Infantil se consolida como direito de toda criança, em que documentos e pesquisas são produzidos, vem sendo realizada esta investigação, em nível de Iniciação Científica.

Objetivos

De modo geral, objetiva-se, com este estudo, investigar as formas pelas quais crianças e adultos de uma escola de Educação Infantil interagem nos momentos de brincadeiras. Os objetivos específicos da investigação são:

- a) Identificar quais são as brincadeiras realizadas na escola de Educação Infantil pelas crianças de 3 anos de idade, espontaneamente e dirigidas pelos adultos, analisando 1) como surgem e/ou são organizadas, 2) quem participa delas (as crianças brincam sozinhas? Em pequenos grupos? Sempre com as mesmas crianças? Com a professora?), 3) em que tempo e espaço da rotina ocorrem (há tempo e espaço definidos para ocorrerem? Quais brincadeiras o tempo e o espaço possibilitam? As brincadeiras permeiam as práticas observadas no dia-a-dia?), 4) quais objetos são utilizados como brinquedos.
- b) Analisar como os adultos interagem com as crianças e como as crianças interagem com os adultos e entre si nos diversos momentos de brincadeiras, descrevendo situações de interação durante o brincar.
- c) Estabelecer relações entre as interações observadas nos momentos de brincadeiras, a construção da identidade e da autonomia e demais aspectos do desenvolvimento das crianças de 3 anos.
- d) Analisar aspectos relativos à formação da professora das crianças de 3 anos de idade para interagir com elas e possibilitar a interação entre elas nos momentos de brincadeiras.

Procedimentos metodológicos

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, que está sendo desenvolvido desde janeiro de 2011, com término previsto para dezembro de 2011, tendo como foco uma escola de Educação Infantil de uma universidade pública localizada no interior do estado de São Paulo. A escola atende filhos de docentes, funcionários e alunos da universidade, com idade entre 0 e 6 anos. Os sujeitos da pesquisa são adultos e crianças que estão frequentando a

escola no ano de 2011. Entre os adultos, estão a coordenadora, os profissionais de apoio e a professora do grupo de crianças de 3 anos. Entre as crianças, participam da pesquisa 6 meninos com idade de 3 anos.

Os dados estão sendo coletados desde fevereiro até junho de 2011. A coleta de dados está sendo feita a partir de: observação participante da rotina do grupo de crianças de 3 anos da creche com registros escritos e fotográficos; entrevistas e conversas informais com a professora das crianças de 3 anos e os profissionais da creche; análise de materiais/documentos elaborados pelas crianças em atividades espontâneas ou propostas pelos adultos e de demais materiais/documentos que possam revelar aspectos referentes ao objeto de estudo.

A observação vem ocorrendo semanalmente, às segundas e sextas-feiras, das 9h00 às 10h30 e às quartas-feiras, das 15h00 às 16h30. Os dias e horários de observação foram definidos em acordo com a coordenadora e a professora, pensando-se nos horários em que as crianças desenvolvem mais atividades que envolvem o brincar. As observações ocorrem em diferentes ambientes, como sala de atividades, refeitório, pátio, parque, banheiros, pois as brincadeiras ocorrem em todos estes espaços.

Todos os dados coletados estão sendo sistematizados no decorrer da coleta e analisados mediante focos de análise estabelecidos com base nos objetivos da pesquisa.

Resultados parciais

Neste texto, são apresentados resultados parciais da pesquisa. Optou-se por apresentar dados referentes à entrada da pesquisadora na escola campo da pesquisa e dados iniciais sobre aspectos relativos aos focos de análise.

O contato pioneiro na escola ocorreu com a coordenadora. Com ela conversou-se sobre a possibilidade de realização da coleta de dados para contribuição com a pesquisa de Iniciação Científica, foi apresentado o projeto e foram esclarecidas as intenções com a pesquisa. Concedida a permissão, pôde-se conhecer a professora e as crianças participantes da pesquisa.

O primeiro contato com a turma ocorreu no ano de 2010, para apresentação da pesquisadora e conhecimento dos sujeitos da pesquisa. Os contatos posteriores ocorreram em 2011, quando, de fato, a coleta iniciou. No primeiro contato, tudo era novidade, as crianças, os adultos, a sala de aula, os demais espaços (pátio, refeitório, parque, casinha, cine vídeo, banheiros, cozinha e secretária), as práticas pedagógicas, enfim, inúmeras fontes de dados

estavam ao alcance da pesquisadora. A professora buscou orientar a pesquisadora, com informações sobre as práticas e concepções da escola. Explicou quais atividades desempenhariam nos momentos de observação.

Ao entrar na sala as crianças dirigiram sua atenção àquele diferente adulto, antes nunca visto na instituição, a pesquisadora. Depois de apresentada às crianças pela professora, pesquisadora e crianças trocaram *oi*, sorrisos e acenos. Convidada pela professora a sentar na roda, assim fez a pesquisadora e nela permaneceu em constante observação. Naqueles primeiros dias, como se tratava do final do ano, muitas crianças deixaram de ir à escola e as atividades consistiam no brincar livre. Atendendo aos pedidos das crianças a professora distribuía determinados tipos de materiais no chão da sala, onde crianças, professora e pesquisadora brincaram. Fantasias, panelinhas, jogos com regras, brinquedos de encaixar, sucatas e bonecos eram divididos pelos participantes da sala. Em determinados momentos a turma dos alunos um ano mais velhos dividiu o espaço da sala de aula para brincar e houve interação entre as turmas. Além da sala, brincou-se no pátio. Embaixo de uma sombra, crianças puxavam seus carrinhos, faziam comidinha e davam banho nos bebês. Houve grande manifestação de interesse pela maioria das crianças da sala sobre o caderno da pesquisadora. Queriam saber o que era e o que era escrito ali. Depois de sanadas as dúvidas, também quiseram deixar suas marcas naquele papel, com desenhos. No segundo dia de visita, ao chegar à sala de aula, receberam a pesquisadora chamando-a pelo nome. As brincadeiras se repetiram.

Em 2011, voltou-se à escola de Educação Infantil para de fato coletar os dados relacionados à pesquisa. Agora as crianças estavam em outra turma, com outra professora, na “Turma do avião”, composta de seis meninos de 3 anos. No primeiro dia desse novo ano, a coordenadora apresentou a pesquisadora à professora, incumbida de apresentá-la às crianças novamente. Trocou-se o mesmo *oi*, com sorrisos e acenos junto ao convite de sentar à roda.

Os esclarecimentos sobre as atividades pedagógicas e sobre a pesquisa em questão foram trocados entre as adultas. As crianças também cobraram esclarecimentos sobre a pesquisa com perguntas como “O que você está fazendo aqui?”, “O que você escreve no seu caderno?”. Solucionadas as dúvidas, os desejos expressos no ano anterior voltaram a ocorrer. O interesse

pelo Diário de Campo da pesquisa, o desejo de nele desenhar e a simples observação da escrita convencional encantaram as crianças.

Foram analisadas atividades rotineiras, como chamada, calendário, escolha do ajudante do dia, idas ao banheiro, canção e dança, aulas de música, pinturas, desenhos, leituras de histórias, recortes, colagens e acima de tudo momentos de brincadeira.

No período da manhã, as crianças tomam o café da manhã, fazem a chamada, preenchem o calendário, escolhem o ajudante do dia, cantam, dançam, ocorre o brincar dirigido ou livre, fazem atividades físicas, atividades artísticas, ouvem histórias e almoçam. À tarde, há o brincar livre e algumas crianças que sentem vontade dormem, jantam e vão para casa. O brincar livre, durante as quartas-feiras, ocorre na casinha, no ambiente exterior da escola. A casinha é grande e bem equipada, com fogão, tanque (com água de verdade), panelinhas, bonecos, carrinhos de bonecos, automóveis, ferramentas, roupinhas e mesinhas. As crianças brincam dentro da casinha, na área da casinha e ainda no pátio e na grama; trata-se de um vasto espaço. Além disso, as duas turmas de crianças de 3 e 4 anos se juntam. Um dos motivos de juntar as turmas é que na “Turma do avião” existem seis meninos e nenhuma menina, e as professoras consideram importante a junção das turmas para meninos e meninas interagirem.

A organização do espaço escolar, segundo Horn (2002), nunca é neutra, pois, revela a concepção do professor sobre ensinar e aprender, além de sua visão sobre criança e Educação Infantil. A escola está organizada em cantos e as brincadeiras nos cantinhos da sala prevaleceram matutivamente na instituição. A sala divide-se em três cantos: casinha, biblioteca e jogos. O brincar no cantinho da casinha atrai muito os meninos. Na casinha, as brincadeiras são as mais diversas possíveis, assim como as interações. Andam com seus carrinhos com os bonecos dentro, depois vão fazer comidinha para os bebês e as adultas. Trocam a roupa dos bebês, limpam a casa, consertam objetos quebrados, correm do Lobo Mau, fazem ligações de telefone celular.

Os professores e demais adultos, não só os que frequentam a escola, são modelos às crianças e influenciam nas suas atitudes, conforme afirma Moyles (2002). Ao interpretar papéis adultos, a criança organiza informações, aprende e constrói sua identidade. O relato a seguir mostra como um menino,

ao interpretar o papel da professora de música, revive um momento e nele acrescenta aspectos de acordo com as suas experiências individuais.

No ano de 2011 as crianças passaram a ter aulas de música na instituição. Estavam na segunda semana de aulas. Após assistirem a aula de música, brincaram de sucata.

Felipe: Eu sou o tio de música.

Pesquisadora: Ah, então temos um tio de música novo na escola!

Diogo sentou-se ao lado de Felipe.

Felipe: Eu tenho um amiguinho novo pra mostrar... (E mostrou um copinho de iogurte. No faz-de-conta o copinho equivalia a um instrumento musical. No início das duas aulas assistidas, a professora de música apresentava os instrumentos musicais exatamente como realizou Felipe.)

Felipe: Olha! (Mostrou o copinho à pesquisadora.)

Pesquisadora: Olha um instrumento musical!

Felipe pegou um copinho para ele e deu outro à pesquisadora, enquanto isso, Diogo observava atentamente a brincadeira ainda ao lado de Felipe.

Pesquisadora: E o Diogo também precisa de um instrumento.

Felipe procurou um copinho ao seu redor, porém, não encontrou. Então, Diogo, rapidamente se levantou.

Diogo: Vou pegar!

Chegou com um copinho retirado da caixa de sucata, pronto para começar a aula.

Felipe: Posso ligar o rádio?

Pesquisadora: Pode!

Felipe: 'Tic', liguei. Tá tocando uma música.

Diogo: 'Tic', liguei também.

Felipe: Esse 'musical' toca assim. (Mostra como se extrai o som do copinho batendo-o na mão. A pesquisadora e Diogo repetem o ensinado.)

Felipe: Agora acabou a música. (A pesquisadora coloca o copinho no chão em frente ao seu corpo e as mãos no joelho, como ensina a professora de música. Os meninos repetem o ato.)

Felipe: Agora o tio de música vai embora. Tchau! (A pesquisadora e Diogo correspondem o aceno de Felipe.)

Felipe passeou pela sala.

Felipe: Agora o tio de música está indo pra casa. (Sentado em uma caixa fazia o barulho de um carro e dirigia um volante imaginário.) (Diário de campo)

Sendo o papel do professor fundamental para incrementar o brincar, proporcionar desenvolvimento e auxiliar na construção da identidade infantil, a seguir apresentar-se-á como a professora da turma pesquisada organiza sua prática pedagógica em torno do brincar. Observou-se a preocupação com diferentes tipos de brincar, pois, de acordo com Moyles (2006) cada modalidade de brincadeira tem um valor específico ao desenvolvimento infantil. Uma das atividades valorizada pela professora e apreciada pelas crianças é o uso de fantasias e adereços, como registrado no Diário de Campo:

Sexta-feira de Carnaval. A professora pega a habitual caixa de fantasias e as crianças se enfeitam e brincam. A educadora pega as fantasias penduradas no varal da sala e, auxiliada pela pesquisadora, veste os meninos. Todos brincam encenando os papéis dos personagens vestidos.

As docentes da instituição pesquisada também estimulavam o brincar físico e as interações. A participação delas na brincadeira mostra a valorização atribuída a esse tipo de atividade pedagógica.

As atividades ao ar livre, no pátio ou no gramado, intercalaram-se às atividades na sala, na casinha, no cine vídeo e no parquinho. Com bambolês, cordas e cavalinhos, junto à turma colorida (crianças de 2 a 3 anos), a turma do avião, em um dia de Sol, brincou. As professoras interagiram no momento de diversão das crianças, ajudaram-nas a rodar o bambolê no chão e junto aos meninos e meninas correram atrás dos bambolês. As duas professoras fizeram um túnel com bambolês e estimularam as crianças a passarem dentro dele. De longe, as professoras jogaram o bambolê, “laçando” a criança e depois fizeram isso uma na outra, causando risos não só nos pequenos. Mantêm-se livres no pátio, enquanto umas brincam com as profissionais, outras interagem entre elas correndo com seus cavalinhos, batendo corda de “cobrinha” ou imaginando ser o cavaleiro um cortador de gramas e passando-o no gramado. As docentes explicaram que no dia anterior à coleta de dados o jardineiro havia cortado a grama e despertado o interesse das crianças. (Diário de campo)

A professora brinca de morto e vivo com as crianças. A pesquisadora a princípio só observa, mas, Felipe, agachado, chama-a.

Felipe: Vem! (E a chama com a mão.)

Então, a pesquisadora resolve brincar de subir e abaixar ao comando da educadora. (Diário de campo)

Cabe ao professor de Educação Infantil intervir e participar da brincadeira institucional, atribuindo-lhe riqueza na troca de experiências (MOYLES, 2002). Algumas das diversas funções do educador no brincar (orientar, ajudar a desenvolver o brincar, motivá-lo, conversar com os participantes da atividade lúdica, mostrar que demais crianças devem esperar para introduzirem-se no jogo) são ilustradas a seguir:

Felipe, Alexandre e Lucas brincam de sentar no sofá (uma caixa em forma de sofá).

Felipe: O Lucas quebrou.

Professora: Não foi o Lucas. Foi o Alexandre. Não é tudo o que acontece que é culpa do Lucas.

Felipe: Eu caí da moto. (Estava sentado no sofá, que passou a ser a moto, e se jogou no chão.)

Alexandre dá a mão e o ajuda a levantar. André põe um pano no chão e Felipe deita em cima.

Professora: E agora que chegou ao médio o que se faz?

André e Leandro cuidam de Felipe. Depois é a vez de Alexandre ser atendido pelos médicos, deitando no pano.

Professora: O que o André está fazendo?

André: Massagem. (Estava passando o ferro de passar roupa em Alexandre.)

Professora: Que gostoso!

Lucas imita os cuidados de André.

André: Já sarou?

Alexandre: Não.

Felipe: Quero deitar.

Professora: Daqui a pouquinho, tá Felipe?! Agora é o Alexandre quem está doente.

Leandro: O que você está sentindo?

Alexandre: Estou doente. (Diário de campo)

A partir do brincar trabalham-se diversas áreas do conhecimento (MOYLES, 2002). A descrição da cena a seguir evidencia a participação adulta no brincar facilitando a compreensão de nomes de diferentes animais.

Do lado de fora da sala, próximo à porta, a professora coloca uma caixa de miniaturas plásticas de animais. André junta todos os animais em um canto.

Lucas: Ele está juntando.

Felipe: Eu quero uma tampa pro leão não pegar meu gatinho. Onde está a tampa?

Lucas levantou-se, pediu a tampa à professora e a deu para Felipe, que tampou a caixa com os gatos. Lucas e Leandro bateram seus camelos na tampa da caixa.

Felipe: Vou pegar todos os gatos e por na caixa.

Leandro ajudou a selecionar os gatos e tamparam a caixa. A professora chega e as crianças sentam ao seu redor.

Professora: Que bichinho é esse?

André: Um camelo.

Leandro: Olha o cavalo está sem uma pata.

Professora: Mas, esse animal é o cavalo? O André está com um cavalo. Compare o seu com o do André.

Leandro: O meu é uma girafa.

Professora: Isso mesmo. (Diário de campo)

A participação do adulto, pelo que foi observado na coleta de dados, muitas vezes é solicitada pelas crianças, seja para resolver situações de conflito ou simplesmente para participar do brincar.

Felipe cuida de seu bebê, batizada de Ana Beatriz, que dorme tranquilamente em uma bucha de lavar louça, no faz-de-conta, um travesseiro. Mas, a boneca sente frio, então, Felipe pede permissão à professora para pegar um cobertor para “encobertar” seu neném. Autorizado a buscar um cobertor, assim faz e cobre sua filha. Mais tarde, chega Alexandre com outro cobertor para cobrir o bebê do amigo. Os dois cuidam juntos da boneca, fazem silêncio para que não acorde e Felipe mostra o perfume passado no bebê para Alexandre. A chegada de André na brincadeira quase acorda o bebê, pois, ele bruscamente puxa a coberta de Ana Beatriz.

Felipe: Você ‘desacobertou’ meu nenê! Tia, o André ‘desacobertou’ meu nenê!

Professora: André, desse jeito você vai acordar a Ana Beatriz! (Diário de campo)

No diálogo entre em um dos meninos da turma e a professora, observa-se sua inserção profissional no brincar para um fim específico, o de trabalhar com uma regra de convivência: não bater nos colegas de sala.

Os meninos brincam de casinha com a professora, a pesquisadora e a volante. Lucas pega um celular e começa sua ligação imaginária à mãe.

Lucas: Alô, mamãe! Eu estou na escola e bati em um amigo. (Risada.)

Professora: Ah, Lucas! A sua mamãe ficou triste. Isso não é legal. Ela gostou?

Lucas afirma com a cabeça.

Professora: Não gostou não! Eu vou ligar pra ela também. Alô, é a...? Oi, tudo bem? É a professora do Lucas que está falando. Ah, você não gosta que o Lucas bata nos amigos, né?! Eu vou falar pra ele ficar bem bonzinho e bem legal, pode deixar, eu vou falar. Lucas a mamãe falou que ela não gosta que você bata nos amigos, que isso não é legal. É pra fazer carinho no amigo, carinho!

Lucas começa a apertar novamente os números do seu celular.

Lucas: Alô, mamãe! Pode bater! Tchau! (Risadas)

Professora: Ah... eu também vou ligar. Pipipi (imitou o barulho do celular). Oi! É a Professora do Lucas de novo, você falou que podia bater nos amigos mamãe? Ah, não, né?! Eu vou falar pra ele que não pode. Beijo, tchau! A mamãe falou que não pode bater não, viu Lucas!

Lucas, em silêncio, olhou para a sua professora e não retornou a ligar. (Diário de campo)

A professora, entre seus incentivos ao brincar, auxilia as crianças na construção da autonomia e do diálogo por meio do lúdico.

Felipe pega uma moto e senta no sofá da sala (a caixa de papelão).

Pesquisadora: Esse é o banco da moto?

Felipe: É.

Lucas: Eu vou sentar na moto. Eu vou sentar na moto. (Senta na garupa da moto.)

Felipe começa a fazer barulho de moto.

Felipe: Caí da moto.

Lucas: Caí da moto.

Como os meninos que antes brincavam estavam no chão, pois, caíram da moto, outros aproveitaram para brincarem no sofá.

Lucas: Ele sentou.
Professora: É que vocês caíram, aí ele sentou. Fala com o Leandro.
Lucas: Eu quero sentar.
Leandro deu o lugar a Lucas. (Diário de campo)

Os dados parciais obtidos e analisados até o momento sugerem que a professora da turma de crianças pesquisada valoriza e incentiva as interações entre as crianças – e das crianças com ela e outros adultos – nos momentos de brincadeiras. Durante as interações, as crianças constroem sua identidade e autonomia, interpretando papéis por meio do faz-de-conta, desenvolvem a linguagem oral, resolvem conflitos, tomam decisões, interpretam e analisam o mundo a sua volta.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. C. S. *Por amor e por força*. Rotinas na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006.

_____. Pensar a educação das crianças de 0 a 3 anos em ambientes de educação coletiva. *Revista Criança do Professor de Educação Infantil* (46). Brasília: MEC/SEF, p. 18-19, dez 2008.

BARBOSA, S. “E quando a gente brinca lá fora?” – Dicotomias nas tramas do cotidiano. In: KRAMER, S. (Org.). *Retratos de um desafio*. Crianças e adultos na educação infantil. São Paulo: Ática, 2009. p. 110-122.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Parâmetros nacionais de qualidade para a Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEB, 2006.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Política nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à Educação*. 2006a.

FORTUNA, T. R. O brincar na educação infantil. *Revista Pátio Educação Infantil*, ano I, n. 3, p. 6-9, dez. 2003/mar. 2004.

KRAMER, S. (Org.). *Retratos de um desafio*. Crianças e adultos na educação infantil. São Paulo: Ática, 2009.

MOYLES, J. R. *A excelência do brincar*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

_____. *Só brincar? O papel do brincar na educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

OLIVEIRA, Z. R. *Educação Infantil: fundamentos e métodos*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2007. (Coleção Docência em Formação).

ROSSETTI-FERREIRA, M. C. A educação coletiva do pequeno cidadão de 0 a 3 anos. *Revista Criança do Professor de Educação Infantil* (46). Brasília: MEC/SEF, p. 14-17, dez 2008.